

**MACHADO DE ASSIS EM CENA:
REPRESENTAÇÕES E RECEPÇÃO CRÍTICA DAS COMÉDIAS *O CAMINHO DA
PORTA E O PROTOCOLO* NO RIO DE JANEIRO (1862)**

Rodrigo Camargo de GODOI¹

RESUMO: Nesta comunicação, por intermédio da pesquisa em jornais diários e periódicos editados no Rio de Janeiro, apresentarei uma reconstituição das encenações e recepção crítica das comédias *O caminho da porta* e *O Protocolo* de Machado de Assis nesta cidade, por ocasião de suas respectivas estréias, entre setembro e dezembro de 1862.

Palavras-chave: Machado de Assis; Teatro; Crítica Teatral.

RESUMÉ: Dans cette communication, par l'intermédiaire de la recherche dans des journaux quotidiens et périodiques édités à Rio de Janeiro, je présenterai une reconstitution des mises en scène et de la réception critique des comédies *O caminho da porta* et *O Protocolo* de Machado de Assis dans cette ville, à l'occasion de leurs premières, entre septembre et décembre 1862.

Mots-clés: Machado de Assis; Théâtre; Critique Teatral.

1. Introdução

Pierre Danger (1998, p. 6), em seu estudo sobre o dramaturgo Émile Augier e a moral burguesa do Segundo Império, nos mostra como no caso do século XIX francês, o teatro, tomado em relação ao romance, “tocou mais diretamente o público” e justamente em virtude disso “seu impacto foi mais profundo”. De acordo com esse autor, a percepção da literatura oitocentista é muitas vezes imperfeita, uma vez que, na maioria das vezes, se desconsidera o real valor dos palcos naquele momento. Para Danger, a importância do teatro dava-se na medida em que o público se tornava fator determinante na composição desse gênero secundário na historiografia e nos estudos literários:

Por sua própria natureza, o teatro conduz-nos em efeito a uma compreensão diferente da sociedade na qual ele se inscreve: no romance, o estudo do receptor não encontra uma relação direta com aquela da obra (pois o autor em geral não tem mais que uma idéia abstrata e imprecisa de seu futuro leitor), no teatro ao contrário, a recepção da obra, ou antes, a idéia que ele realiza no momento da concepção, tem sobre ele um impacto muito forte [...]. O autor dramático dirige-se a um público que conhece, que identifica, e isso não se dá sem consequências sobre seu texto (Danger, 1998, p. 6).

¹ Mestrando em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem IEL/Unicamp. Investiga os anos de formação do escritor Machado de Assis, entre as décadas em 1850 e 1860. Apoio financeiro: CAPES.

Há em Pierre Danger o nítido esforço de demarcar as fronteiras e as especificidades da literatura dramática em relação a outros gêneros literários, como no caso o romance. Essas diferenças começam a surgir quando o autor identifica que parte do sentido do texto dramático se explica pela imediata relação do dramaturgo e seu público no exato instante da recepção da obra. Estabelece-se a partir de então, um estreito e dinâmico diálogo entre dramaturgos, que se expressam por intermédio de seus personagens, e espectadores que, de suas cadeiras, camarotes ou torrinhas, aplaudem ou “pateiam” a obra encenada. Segundo Danger (1998, p. 6-7), ainda podemos, por meio desses mesmos diálogos, “desenhar pouco a pouco, na leitura de uma peça teatral, a figura encoberta de um público que, de certa maneira, a comanda, a suscita e a determina”. Em virtude, pois, desse intenso corpo-a-corpo entre esses dois elementos, o texto teatral supera gêneros como o romance ao nos fornecer uma imagem mais completa do contexto de sua produção em sentido amplo, visto que procura se alinhar estreitamente aos anseios de seu receptor. Assim sendo, para o estudioso francês, o romance seria apenas “tributário” do gênio criador de um determinado literato, enquanto a peça de teatro, “qualquer que seja o seu autor”, seria largamente tributária de seu público.

Portanto, longe de um estudo textual das comédias *O caminho da porta* e *O Protocolo* de Machado de Assis, apresentarei nesta comunicação um levantamento das encenações e da recepção crítica, presente em jornais e periódicos editados no Rio de Janeiro, dessas primeiras peças do autor efetivamente encenadas, entre setembro e dezembro de 1862, no Teatro Ateneu Dramático. Deste modo, seguindo as indicações teóricas de Pierre Danger, tentaremos observar em um segundo momento da pesquisa, quais os efeitos dessa recepção sobre a trajetória do jovem comediógrafo que, como sabemos, logo abandonará a escrita de peças para iniciar a produção de contos.

2. Encenações e recepção crítica de *O caminho da porta*

Entre sua estréia, a 12 de setembro de 1862, e o início de janeiro de 1863, a comédia em um ato *O caminho da porta* de Machado de Assis foi encenada oito vezes no Teatro Ateneu Dramático, sendo cinco delas no mês da estréia. Parece pouco, mas é um número considerável tendo-se em vista, por exemplo, as nove montagens que *O demônio familiar* de Alencar obteve em sua estréia no Teatro Ginásio, em 1857 (Souza, 2002, p. 94), e as onze representações que *As Garatujas* de Victorien Sardou alcançaria no mesmo Ateneu a dia 20 de setembro de 1862 (Teatros, *Jornal do Commercio*, 20/09/1862, p. 4).

Tabela 1 – Encenações da comédia em um ato *O caminho da porta* de Machado de Assis no Rio de Janeiro (set./1862-jan./1863).

Data	Dia da semana	Teatro	Anúncios na imprensa	Obs.
12/09/1862	Sexta-feira	Ateneu Dramático	DRJ, CM	Estréia; precedia a encenação de <i>Borboletismo</i> de Sardou.
14/09/1862	Domingo	Ateneu Dramático	DRJ	Segunda representação precedendo a encenação de <i>Borboletismo</i> .
19/09/1862	Sexta-feira	Ateneu Dramático	DRJ	Récita a princípio anunciada para 16/09, mas transferida para 19. Não sabemos o motivo.
23/09/1862	Terça-feira	Ateneu Dramático	DRJ, JC	A princípio anunciada para 20/09 no teatro de S. Cristovão, mas transferida para o Ateneu por “moléstia de uma atriz”.
29/09/1862	Segunda-feira	Ateneu Dramático	DRJ, JC, CM	Compõe um grande espetáculo oferecido pelo agente teatral Eugenio Chanhomme
07/12/1862	Domingo	Ateneu Dramático	JC, CM	Três meses após a estréia volta à cena juntamente com o <i>Borboletismo</i> de Sardou.
04/01/1863	Domingo	Ateneu Dramático	DRJ	Anunciado juntamente com a <i>Túnica de Nessus</i> de Sizenando Nabuco de Araújo
09/01/1863	Sexta-feira	Ateneu Dramático	DRJ	Anunciado juntamente com a <i>Túnica de Nessus</i> de Sizenando Nabuco de Araújo

DRJ – Diário do Rio de Janeiro; CM – Correio Mercantil; JC – Jornal do Commercio.

Seguindo os anúncios de espetáculos teatrais publicados em jornais do Rio de Janeiro (Tabela 1) é possível afirmar que a comédia de Machado estreou na sexta-feira dia 12 de setembro, voltando à cena também domingo, dia 14². Temos também outra récita na sexta-feira dia 19, também no Ateneu³. Já a representação anunciada para o dia 20 no Teatro de São Cristovão⁴, foi transferido para o dia 23, novamente para o Ateneu⁵, em virtude de “moléstia de uma atriz”⁶. Porém, entre todas as representações, a de 29 de setembro, organizada e oferecida

² “ATENEU – (À tarde) – *O Borboletismo*; *A mulher deve acompanhar o marido*, comédias. (À noite) – *O Borboletismo*; *O caminho da porta*, comédias”. Noticiário, *Diário do Rio de Janeiro*, 14/09/1862, p. 1.

³ No dia 16 de setembro na sessão espetáculos do *Diário* podemos ler: “ATENEU DRAMÁTICO/ (S. Januário)/ Hoje/ terça-feira 16 de setembro de 1862./ Terceira representação da conceituosa comédia em 1 ato, original brasileiro do Sr. Machado de Assis, intitulada O CAMINHO DA PORTA/ [...]”. Espetáculos, *Diário do Rio de Janeiro*, 14/09/1862, p. 4. Porém, por algum motivo, essa récita foi transferida para sexta-feira, dia 19, uma vez que no dia 17 anúncio se repetia: “ATENEU DRAMÁTICO/ (S. Januário)/ Sexta-feira 19 de setembro./ Terceira representação da conceituosa comédia em 1 ato, original brasileiro do Sr. Machado de Assis, intitulada O CAMINHO DA PORTA/ [...]”. Espetáculos, *Diário do Rio de Janeiro*, 17/09/1862, p. 4.

⁴ Espetáculos, *Correio Mercantil*, 20/09/1862, p. 4. Teatros, *Jornal do Commercio*, 20/09/1862, p. 4. Não localizei maiores informações sobre este teatro. Galante de Souza (1960, p. 293) refere-se ao Teatro de Variedades, inaugurado em abril de 1860, como localizado em São Cristovão.

⁵ Espetáculos, *Diário do Rio de Janeiro*, 22/09/1862, p. 4; 23/09/1862, p. 4.

⁶ “O Espetáculo anunciado para quarta-feira com *O caminho da porta* e o *Borboletismo*, transferido por moléstia de uma atriz, terá lugar terça-feira 23 do corrente. Os bilhetes de camarotes e cadeiras vendidos para esse dia darão entrada terça-feira”. Teatros, *Jornal do Commercio*, 20/09/1862, p. 4.

pelo agente teatral Eugenio Chanhomme, em comemoração ao aniversário de sua chegada ao Brasil, foi sem dúvida a mais importante. Nessa noite *O caminho da porta* abriria a programação que contava também com a encenação de *As Garatujas* e *Os Íntimos* de Sardou, bem como com “a quadrilha composta sobre motivos do Alcazar”, *Chicocando* de Augusto Baguet. Vale observar também que todos os anúncios referentes a esse espetáculo comemorativo ressaltavam a presença de SS. MM. II⁷. Ao que tudo indica, *O caminho da porta* estava obtendo uma boa aceitação por parte do público teatral fluminense, tanto que, aproximadamente três meses após a estréia, a 7 de dezembro, a comédia em um ato voltava à cena no Ateneu Dramático juntamente com o *Borbolestimo* de Sardou. E, no ano seguinte, a 4 e 9 janeiro, a comédia era encenada em conjunto com o drama em quatro atos *A túnica de Nessus*, de Sizenando Nabuco de Araújo⁸.

No que se refere à recepção dessa comédia podemos ler no folhetim “Páginas menores” do *Diário do Rio de Janeiro* de 14 de setembro, assinado pela inicial M., possivelmente de Henrique César Muzzio, as primeiras observações críticas. Assim após discorrer longamente sobre a publicação do poema *D. Jaime ou a dominação de Castela*, do português Thomaz Ribeiro, M. reservava algumas linhas para a estréia teatral de Machado de Assis. No texto, Machado surge como mais um membro da “falange de inteligências vigorosas e juvenis” que, sabendo guiar-se, tinha diante de si um horizonte aberto “às glórias do futuro”:

A esta falange pertence o Sr. Machado de Assis que, procurando – *O caminho da porta*, achou o dos aplausos de uma platéia simpática e inteligente na comédia em um ato, que fez representar anteontem.

Desencantos chamara o Sr. Assis ao primeiro ensaio dramático que publicou com o seu nome e no qual notaram os entendidos espírito e observações finas e chistosas.

Chama agora o jovem escritor *O caminho da porta* ao seu segundo ensaio que apresentou tímido e receoso à prova pública. Em boa hora o fez, porque, entrando em vez de sair por tal porta, como lhe aconteceu, se vai longe quando se tem, como o Sr. Assis, a única bússola de tais empresas, isto é, o talento (*Diário do Rio de Janeiro*, 14/09/1862, p. 1).

Sem embargo dessas colocações elogiosas, nas quais M. dizia que Machado fora aplaudido por “uma platéia simpática e inteligente”, somos informados no parágrafo seguinte que o folhetinista, ao contrário do que poderíamos supor, não assistiu a primeira representação de *O caminho da porta*. Em razão disso, M. acabaria por oferecer a última

⁷ Theatros, *Jornal do Commercio*, 29/09/1862, p. 4; Espetáculos, *Diário do Rio de Janeiro*, 27/09/1862, p. 4; 28/09/1862, p. 4; 29/09/1862, p. 4.

⁸ Espetáculo, *Diário do Rio de Janeiro*, 04/01/1862, p. 4; 08/01/1863, p. 4.

coluna de seu folhetim às considerações de Quintino Bocaiúva sobre a estréia:

“O argumento é simples. Sem ser original é interessante. Escrito ao gosto dos pequenos provérbios de Musset e de Feuillet tem o defeito de não condescender com o gosto do público ainda não habituado a essas filigranas de espírito e a esses caprichosos labores sobre uma tela literária por demais delicada.

A educação das nossas platéias não está ainda formada para esse gênero de fantasias dramáticas que só se sustentam pelo chiste da idéia e pela beleza do estilo.

Onde falta a ação falta o interesse, e o espírito do público chega a fatigar-se de acompanhar o autor nesses devaneios de imaginação que tem para ele o defeito de lhe não tocarem o coração.

Por hora o nosso público quer emoções. Esta é a fase natural da infância da arte em um país *estrangeirado* na sua literatura e cuja educação se tem formado na escola horripilante do velho drama francês alimentada por outra mais perversa ainda – a dos nossos teatros” (*Diário do Rio de Janeiro*, 14/09/1862, p. 1).

Para Quintino Bocaiúva, o “defeito” de *O caminho da porta* residia precisamente no fato de Machado de Assis afastar-se do gosto do público teatral do Rio de Janeiro. Público não habituado aos “filigramas de espírito” e “caprichosos labores” do jovem literato. Contudo, de certa forma, o juízo crítico de Bocaiúva soa favorável à comédia, pois deliberadamente o crítico deslocava o problema da composição de Machado, não de todo isenta de “defeitos”, para público, este sim deseducado e despreparado para recebê-la como deveria. Deste modo, o que o público, “formado na escola horripilante do velho drama francês”, queria *O caminho da porta* não tinha a oferecer, ou seja, emoção. O passo seguinte da crítica era tentar convencer Machado de Assis a experimentar um gênero, nas palavras de Bocaiúva, “mais próprio para o verdadeiro teatro dramático”:

“O que desejo é que o autor estreante empregue os recursos do seu talento na explanação de teses menos abstratas, mais originais, e menos circunscritas pela própria abstração da idéia.

Em vez de uma cena, onde a própria espontaneidade do seu espírito o levou ao defeito da superabundância, escreva um drama, que lhe irá melhor à glória do seu talento e ao aplauso a que fez direito.

O seu diálogo é fluente; a frase boa, sem que seja sempre correta; possui o segredo das situações cômicas sem sacrificar o verdadeiro espírito ao desejo de fazer rir às platéias, e estas qualidades se não levam à glória de escritor dramático, pelo menos levam o autor à satisfação de ter escrito um bom drama” (*Diário do Rio de Janeiro*, 14/09/1862, p. 1).

Bocaiúva encerra sua apreciação crítica de *O caminho da porta* elogiando de maneira bem breve as atuações e a cenografia. Porém, antes, como podemos ler acima, reconhece que

Machado imprimira em sua composição “um diálogo fluente”, uma “frase boa” – porém, “nem sempre correta” – e que “possuía o segredo das situações cômicas sem sacrificar o verdadeiro espírito ao desejo de fazer rir às platéias”. Acredito que justamente por possuir na medida esse “segredo das situações cômicas” é que Machado de Assis estava de algum modo agradando a imprensa fluminense com sua comédia. Ao menos é essa a impressão que o redator da “Gazetilha” do *Jornal do Commercio*, de 16 de setembro, deixa transparecer em suas observações sobre *O caminho da porta*:

– Atheneo Dramático – Pôs este teatro ultimamente em cena duas comédias novas, uma original, outra traduzida do francês. A primeira tem apenas um ato, e é dessas que o espectador lamenta ver terminar tão depressa, achando-se disposto a assistir ainda por muito tempo a um brinqueado fino e delicado. Chama-se *O caminho da porta*, e é escrita pelo Sr. Machado de Assis. Dois pretendentes, um moço e velho o outro, esforçam-se para achar o caminho do coração de uma viúva galanteadora, e não podendo atinar com ele, decidem-se a tomar o da porta. Um advogado, que o é também no foro de Cupido, completa este quadro vivo e animado, em que por sem dúvida alguma há alguma coisa que aprender, mas que sobretudo abunda a graça e o chiste. É uma produção ligeira, mas que revela muita vocação para este gênero no seu autor, que com ela nem deslustrou a reputação que tem sabido adquirir na república das letras, nem desmentiu as esperanças que todos põem no muito que ele poderá prestar ainda. Apenas acrescentaremos que a comédia do Sr. Machado de Assis nos parece ser a verdadeira comédia: séria e risonha ao mesmo tempo, sem a gravidade do drama, nem as bobices da farsa (*Jornal do Commercio*, 16/09/1862, p. 2.).

Nesta “Gazetilha” Machado é apresentado como uma promessa na “república das letras” nacionais. Deste modo, mesmo *O caminho da porta* sendo considerada uma “composição ligeira” ela não deixava de revelar a “vocação” do autor para o gênero. Neste sentido, a comédia de Machado era comparada à “verdadeira comédia”, uma vez que era “séria e risonha ao mesmo tempo, sem a gravidade do drama, nem as bobices da farsa”. No mesmo dia também o *Correio Mercantil* (16/09/1862, p. 1) publicava uma breve nota na sessão “Notícias diversas” sobre a representação de *O caminho da porta*, “o mimoso trabalho dramático do Sr. Machado de Assis”, e do *Borboletismo* de Sardou, prometendo voltar ao assunto de maneira mais detalhada em outra ocasião. E, de fato, no dia 21 encontramos nesse jornal um longo folhetim dramático tratando, além das eternas mazelas do teatro nacional, das peças em cartaz no Ateneu Dramático. E, mesmo afirmando que a crítica devia “dirigir-se mais aos artistas que ao poeta”, Sousa Ferreira dedicou algumas linhas à Machado de Assis e sua peça:

O Sr. Machado de Assis é um jovem escritor de merecimento, que se tem feito conhecido no jornalismo fluminense e que de certo dispensa a minha apresentação. Moço ainda, o Sr. Machado de Assis estuda e com proveito, como o atestam seus escritos de dia em dia traçados com mão firme mais firme: feliz dele porque pode estudar!...

Há tempos o Sr. M. de Assis publicou uma tentativa dramática que deu o título de *Desencantos*. Ultimamente deu mais um passo e levou a cena do Ateneu uma nova tentativa: – *O caminho da porta* (*Correio Mercantil*, 21/09/1862, p. 1).

Machado de Assis dispensava apresentações, pois sua atuação na imprensa já o tornara conhecido dos leitores do *Correio Mercantil*. Assim, após salientar o quanto o jovem autor se aprimorava por meio do estudo e traçar um breve resumo do enredo de *O caminho da porta* centrado na personagem Carlota, o folhetinista passa a elencar algumas falhas na composição:

O estudo desse defeito moral pode fornecer assunto para uma comédia interessante e cheia de lição, que, escrita pelo Sr. Machado de Assis, seria muito aplaudida, e julgar-se pelos traços que aparecem n’*O caminho da porta*.

Ai o Sr. Machado de Assis mostra-se mais poeta lírico do que dramático; não se importou com ação, indispensável para quem deseja prender a atenção na cena e, à exceção do papel de *Carlota*, os outros caracteres foram apenas esboçados e nada mais se podia exigir do poeta nos limites em que ele se circunscreveu (*Correio Mercantil*, 21/09/1862, p. 1).

De acordo com Sousa Ferreira, Machado de Assis, ao “mostrar-se mais poeta lírico do que dramático”, não se preocupou como deveria com a ação da peça. E a ação é justamente o item “indispensável para quem deseja prender a atenção da cena”. Apontou também problemas na composição das personagens, sendo somente Carlota a única dentre elas devidamente elaborada. Por fim, retomava os elogios e, aproximando-se de Quintino Bocaiúva, fazia votos de que o Machadinho pudesse dar “maior desenvolvimento a sua idéia”:

Revela o Sr. Machado de Assis grande habilidade para manejar o diálogo, que é sempre animado, e naturalidade em meter em cena as suas personagens.

Caprichou o poeta na mimosa frase com que vestiu o seu pensamento: pareceu-me sempre boa, apropriada, rica de imagens e rutilante pelo espírito: há diálogos que são verdadeiros torneios de graça e vivacidade.

Sinto deveras que o Sr. Machado de Assis não quisesse dar maior desenvolvimento à sua idéia. Espero, porém, que este talento que desperta tão cheio de brilho, me fornecerá muitas ocasiões de tributar-lhe aplausos sinceros (*Correio Mercantil*, 21/09/1862, p. 1).

Também o cronista d’*A Saudade* iniciava sua apreciação crítica de *O caminho da porta* em termos bem próximos, ou seja, não obstante os méritos existiam também “defeitos

inevitáveis em semelhantes fantasias”:

O caminho da porta tem um diálogo fino, espirituoso e delicado, como o que sai ordinariamente da pena do Sr. Machado de Assis. Situações alegres provocando o riso, não o riso grosso e brutal da pilhéria insossa, mas o sorriso delicado do homem distinto. Facilidade, tato e sobriedade no diálogo, defeitos inevitáveis em semelhantes fantasias, mas que desaparecem facilmente em composições de maior fôlego, onde o Sr. Machado de Assis tenha maior campo para pensar nas questões sociais e dar outro curso à suas observações.

O caminho da porta revela-nos, por entre o dito engraçado, a palavra incisiva, a agudeza do espírito, o observador atento que não passa despercebido pelas vaidades e misérias morais da sociedade. A platéia aplaudiu; mas pelas pitorescas observações que apreciei não teve intuição da composição; também o desempenho deixou muito a desejar, exceção da Sra. D. Maria Fernanda e Martins (*A Saudade*, ano 2, n. 11, 21/09/1862, p. 108).

Mesmo desejando que Machado se lançasse “em composições de maior fôlego”, nas quais “tenha maior campo para pensar nas questões sociais e dar outro curso às observações”, E. L. não deixa de sublinhar o fato do autor não ter ficado indiferente ante “as misérias morais da sociedade”. Salienta também que a platéia aplaudiu, porém, pelas opiniões que colhera, pouco entendeu a peça. Finalmente, E. L. abria um espaço considerável em sua crônica à atuação dos atores em *O caminho da porta*:

O Sr. Cardoso esteve infeliz, como lhe acontece quando dá excelência ou trata com pessoa de boa sociedade. Falta-lhe ainda distinção de maneiras. A gesticulação é biliosa, e, se a podemos tolerar ou apreciar em papéis de *Lovelace* faminto, fora deles é intolerável. Depois declarou guerra às luvas; e que dissonância de pronúncia, que comedela de sílabas, que falta de consciência do que dizia! Sobretudo o Sr. Cardoso receou que as palavras, ao passarem-lhe pelos lábios, se transformassem em ouriços e os deixassem sangrando.

Os louros não se adquirem n’um dia. Mas há tudo a esperar de quem, como o Sr. Cardoso, possui talento cênico de grande merecimento; e oxalá que eu possa em breve saudá-lo como um dos nossos principais artistas dramáticos.

O Sr. Pimentel esteve, como ordinariamente, monótono e insípido. A única coisa que ele tinha em relação eram os botões amarelos da casaca, e o *morro do Castelo* da cabeleira.

O Sr. Martins, que conhece suficientemente a linha de separação do ridículo e do grotesco, conservou-se na sua altura. Não queira Deus que as gargalhadas da platéia o levem a aspirar à celebridade dos Vasques e Martinhos.

Talento, sobriedade e propriedade de gestos, maneiras senhoris; mobilidade extrema de fisionomia, especialmente de olhos; graça, mimo, e delicadeza, perfeita interpretação do pensamento do autor, tudo reuniu a Sra. D. Maria Fernanda. Nunca a conhecemos assim. No entanto, creia-o a Sra. D. Maria Fernanda, a arte é como a epopéia: só se destacam aqueles que sobem ao monte sacro. É real que a estrada é escabrosa, bordada de precipícios; tem

muitos espinhos; poucas flores; o fogo cresta muitas vezes o próprio espírito: mas o que prova isso? Uma vez no Capitólio, o presente legará à posteridade mais um nome que se inscreveu no martirológico da arte para interpretar com consciência e fidelidade as criações ideais.

O teatro tem contribuído mais para a igualdade moral que todas as pregações filosóficas, passadas, presentes e futuras. Avante, pois, Sra. D. Maria Fernanda! (*A Saudade*, ano 2, n. 11, 21/09/1862, p. 108).

Se, por um lado, os atores Cardoso e Pimentel desagradaram o cronista d'*A Saudade* – o primeiro interpretando um sofrível Dr. Cornélio, com “gesticulação biliosa” e “dissonância de pronúncia”, e o segundo um “monótono e insípido” Valentim – o cômico Martins esteve muito bem no papel de Inocêncio e a atriz Maria Fernanda “perfeita” como a viúva Carlota. De acordo com o cronista, essa atriz, com “graça, mimo e delicadeza”, soube interpretar com elegância “o pensamento do autor”.

Um breve balanço final da recepção crítica de *O caminho da porta*⁹ permite-nos perceber que Machado de Assis, mesmo afastando-se do gosto do público teatral do Rio de Janeiro, acabou por não desagradar completamente seus colegas de imprensa em sua estréia no Ateneu Dramático. No entanto, alguns deles, como Bocaiúva e Sousa Ferreira, ainda insistiam que nosso autor se lançasse definitivamente à escrita de uma peça de maior fôlego, talvez um drama “com teses menos abstratas”, como sugeria Bocaiúva. Portanto, vejamos como Machado se portou ante essas críticas ao retornar ao palco do antigo S. Januário em dezembro no mesmo ano, quando subia à cena *O Protocolo*, sua próxima comédia em um ato.

3. Encenações e recepção crítica de *O Protocolo*

Em sua estréia, de maneira semelhante a *O caminho da porta*, também *O Protocolo* seria a peça coadjuvante da noite, sendo em sua estréia e em espetáculos subseqüentes encenada juntamente com a comédia em cinco atos *As Leoa Pobres* de Emilie Augier e Édouard Fournier. Na comédia de Machado de Assis, com exceção da atriz Jesuína Montani que interpretou a prima Lulu, todos os demais atores haviam atuado em *O caminho da porta*. Assim, temos a atriz Maria Fernanda no papel de Elisa e os atores Cardoso e Pimentel interpretando Pinheiro e “Christiano” Alves respectivamente. No anúncio da estréia o nome do personagem Venâncio aparece, por distração do tipógrafo ou não, grafado como Christiano. Os anúncios igualmente mostram que todos os quatro atores atuantes em *O*

⁹ Também Tinoco, cronista do periódico *O Rabugento*, mencionou a estréia de Machado de Assis na sessão “Ratices da semana”: “Quanto à comédia do Sr. M. de Assis, já na crônica passada disse alguma coisa, e por hoje limito-me a dizer que a estréia do jovem autor – neste gênero de literatura – promete aos teatros muitas noites de enchente, e íntima satisfação aos freqüentadores”. *O Rabugento*, n. 3, 21/09/1862, p. 3-4. Contudo, não localizei na pesquisa o segundo número desse periódico.

Protocolo também interpretavam papéis na peça de Émile Augier.

Tabela 2 – Encenações da comédia em um ato *O Protocolo* no Rio de Janeiro (dez. 1862)

Data	Dia da semana	Teatro	Anúncios na imprensa	Obs.
04/12/1862	Quinta-feira	Ateneu Dramático	<i>DRJ, CM, JC</i>	Estréia; encerrava a noite que contava também a encenação de <i>As Leoas Pobres</i> de Augier e Foussier. Espetáculo em benefício da atriz Gabriela da Cunha
06/12/1862	Sábado	S. Leopoldina	<i>CM, JC</i>	Anunciado juntamente com o drama em cinco atos de Augier e Foussier. Teatro localizado em Botafogo.
08/12/1862	Segunda-feira	Ateneu Dramático	<i>CM</i>	Precedia a encenação do drama em 5 atos <i>As Leoas Pobres</i> , de Augier e Foussier.
10/12/1862	Quarta-feira	Ateneu Dramático	<i>DRJ, CM, JC</i>	Precedia a encenação de <i>As Leoas Pobres</i> de Augier e Foussier.
14/12/1862	Domingo	Ateneu Dramático	<i>DRJ, CM, JC</i>	Precedia a encenação de <i>As Leoas Pobres</i> de Augier e Foussier.
17/12/1862	Quarta-feira	Ateneu Dramático	<i>DRJ, CM, JC</i>	Anunciado juntamente com <i>As Leoas Pobres</i> de Augier e Foussier.

DRJ – Diário do Rio de Janeiro; *CM* – Correio Mercantil; *JC* – Jornal do Commercio

Como podemos observar na Tabela 2 incluindo-se a estréia, a comédia de Machado de Assis foi encenada seis vezes no Rio de Janeiro entre os dias 4 e 17 de dezembro de 1862. Cinco vezes no Ateneu Dramático e uma vez no Teatro de S. Leopoldina, em Botafogo.

Porém, se *O Protocolo* apresentava certos pontos em comum com *O caminho da porta* – mesmos atores, ambas escritas em um ato, ambas sendo encenadas juntamente com traduções de sucessos do repertório francês –, é fato que essa comédia não obteve a mesma recepção calorosa nos jornais e periódicos da Corte. A indiferença foi tamanha que o próprio Machado de Assis viu-se compelido a vencer seus escrúpulos e comentar brevemente a representação de sua peça no Ateneu Dramático enfatizando, sobretudo, a atuação dos atores em uma de suas crônicas publicadas na revista *O Futuro*:

Houve outra novidade no teatro, que eu de propósito deixei para o fim; é uma comédia que tem por título – *O Protocolo* –, e que traz o meu nome. Os escrúpulos que me fazem não dizer palavra sobre este pequeno ato, são compreendidos do leitor. Não foi porém pelo simples prazer de falar da minha peça que eu citei esta novidade. Foi para deixar escrito desde já, que muito a meu contento a representaram os artistas do Ateneu (*O Futuro*, n. 7, 15/12/1862, p. 236).

Notemos que essa crônica foi publicada onze dias depois da estréia, a 15 de dezembro. Até essa data nenhum jornal ou revista pesquisada havia dedicado sequer em uma linha à comédia *O Protocolo*. Até mesmo o *Diário do Rio de Janeiro*, jornal no qual Machado de Assis atuava, calou-se em relação à comédia em um ato. Por exemplo, em um longo texto sobre *As Leas Pobres* publicado na sessão “Noticiário” deste jornal a 6 de dezembro, dois dias após a estréia, o redator simplesmente ignorou que *O Protocolo* estivesse sendo encenado juntamente com esta peça (*Diário do Rio de Janeiro*, 06/12/1862, p. 1.). Diante deste fato é que suponho que nosso comediógrafo/cronista percebeu a necessidade de ele próprio parabenizar a atuação dos atores, visto que nenhum outro até então o fizera.

Esse quadro permanecera inalterado até que quatro dias mais tarde, a 19 de dezembro, o *Jornal do Commercio* abriu espaço em sua “Gazetilha” para comentar brevemente a comédia de Machado de Assis:

- Ateneu Dramático – Tem-se representado ultimamente neste teatro o *Protocolo*, mimosa comédia do Sr. Machado de Assis. É obra de pouco vulto, mas escrita com gosto e graça. Um medianeiro officioso introduz-se n’um casal em que lavra a discórdia, e a pretexto de intervenção amigável procura pela [ilegível] substituir-se ao marido. Faz-se porém a paz apesar de tudo e os dois estados, outra vez unidos, devolvem à potência interventora o seu protocolo simbolizado por um álbum. A gargalhada da mofa com que o marido termina a comédia pode algum espectador mais melindroso tomá-la também para si, mas em geral pareceu agradar esta composição, escrita no gosto das de Sardou. O Sr. Machado de Assis, com a modéstia que sempre acompanha o talento, ensaia-se em trabalhos curtos; mas à medida que se lhe for robustecendo a confiança nas próprias forças, irá alargando os seus vãos, e estamos convencidos que a pátria ainda lhe deverá obras com que se engrandeça a sua glória literária.

A execução já o mesmo autor declarou na crônica do *Futuro* que fora muito a seu contento, e cremos que o público pela sua parte também não deixaria de dar-se por satisfeito (*Jornal do Commercio*, 19/12/1862, p. 2).

Para o redator desta “Gazetilha”, embora fosse “mimosa” e “escrita com gosto e graça” *O Protocolo* era “obra de pouco vulto”. Após um brevíssimo resumo do enredo, afirma também que a composição, “escrita no gosto das de Sardou”, “pareceu” agradar o público. Por fim, mais uma vez, Machado de Assis aparecia como uma promessa do teatro ainda não realizada. Desde a publicação da fantasia dramática *Desencantos*, em 1861, esse discurso se repetia, e talvez por não vê-lo tão rapidamente concretizado – Machado já estava em sua terceira produção para o teatro e nada de arriscar “um drama”, “uma composição de maior vulto”, etc. – é que folhetinistas e críticos teatrais do Rio de Janeiro deram pouca atenção à nova produção dramática do autor. Afinal, quando esta promessa dos palcos realmente se

consolidaria? Ou, tentando colocar a pergunta na perspectiva dos contemporâneos de Machado em 1862: essa promessa se concretizaria? O redator da “Gazetinha” apostava que “a pátria ainda lhe deverá obras com que se engrandeça a sua glória literária”. Contudo, mesmo na qualidade de expectadores privilegiados desta história – leitores vorazes de romances como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *D. Casmurro* –, não devemos nos esquecer que esses personagens tinham diante de si tão somente a indeterminação do futuro.

REFERÊNCIAS

DANGER, Pierre. **Émile Augier ou le théâtre d’ambiguïté**: élément pour une archéologie morale de la bourgeoisie sous le Second Empire. Paris: L’Harmattan, 1998.

SOUSA, José Galante de. **O teatro no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de. **As noites do Ginásio**: teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868). Campinas: Editora da Unicamp; Cecult, 2002.

Jornais e revistas

A Saudade

Correio Mercantil

Diário do Rio de Janeiro

Jornal do Commercio

O Futuro

O Rabugento